

Amílcar Cabral tem dimensão universal

— Aquino de Bragança a "O Jornal"

O professor e jornalista moçambicano Aquino de Bragança, militante e estudioso dos movimentos de libertação no Continente Africano, concedeu recentemente ao semanário português «O Jornal», uma entrevista, na qual fala do pensamento de Amílcar Cabral. Aquino de Bragança concedeu a entrevista que passamos a transcrever, na Cidade da Praia, capital cabo-verdiana, onde se realizou, de 17 a 20 de Janeiro o Simpósio Internacional da Praia, comemorativo do 10.º aniversário do assassinato de Amílcar Cabral.

«O JORNAL» — A realização de um simpósio internacional que tem como base o pensamento de Amílcar Cabral num momento em que países como Angola e Moçambique são alvo de ataques do exterior, poderá traduzir-se numa maior congregação de esforços à volta do símbolo de Cabral para se atingir uma nova etapa da construção dos novos países africanos?

AQUINO DE BRAGANÇA — Não vejo bem a ligação entre o simpósio e a situação que se vive na África Austral. Em primeiro lugar tratou-se de assinalar da forma mais digna o décimo aniversário da morte de Cabral, reunindo os seus antigos companheiros e homens que o estudaram. Por outro lado, foi aprofundado o seu pensamento. Cabral forneceu ferramentas de análise de uma sociedade para a poder transformar. Isto é o que interessa. No seu discurso de abertura do simpósio, o Presidente Aristides Pereira falou em Cabral como símbolo de luta contra a exploração do homem pelo homem. Não falou em marxismos, muito embora fizesse uma referência ao socialismo. Portanto, em suma, havia que fazer um balanço do pensamento de Amílcar, dez anos após a sua morte. O que deu o pensamento de Cabral passado este tempo?

P. — Sim, o quê deu?

R. — Bem, há questões do pensamento de Cabral à que ele próprio não responde...

P. — Quais, por exemplo?

R. — O Cabral não era um pensador de sistema fechado. Não era um dogmático. Ele apenas utilizava o marxismo como meio de encontrar instrumentos de análise. Como muito bem diz o Presidente Aristides Pereira, ele fazia uma assimilação crítica do marxismo. Ora, neste momento importa dinamizar o pensamento de Cabral, torná-lo mais activo, como um desafio, não só às diversidades do País (Cabo Verde) como também às próprias tensões mundiais.

P. — O que ficou de mais importante, na actualidade, do pensamento de Amílcar Cabral?

R. — Muita coisa ficou e muita coisa ficará. Posso dizer-lhe que, depois de ter lido Marx e Lênine, Cabral soube encontrar instrumentos de análise que permitiram a libertação de um povo e a criação de uma contra-sociedade organizada. Quanto ao balanço que agora foi feito, digo-lhe, sinceramente, que tive um certo receio que o simpósio caísse na evocação escolástica, universitária, no sentido pejorativo dos termos. No entanto, o debate resultou frutífero, não só pela variedade dos temas abordados, como pela presença de individualidades tão diferentes, da União Soviética aos Estados Unidos, passando pela China, do PAIGC à FRELIMO, passando pelo MPLA. Por exemplo, nós próprios — FRELIMO — temos bastantes diferenças de Cabo Verde.

P. — Como homem de cultura que o Aquino de Bragança é, o que pensa da faceta cultural de Amílcar Cabral, que nem sempre está presente em debates em que prevalece o elemento político?

R. — É preciso ler a intervenção dele à UNESCO. Ele dizia que tudo se vê em termos de cultura. Agora é preciso ver o que é cultura. O sistema colonial começava por desculturar — isto é, tirar os homens africanos da sua cultura. Cabral



Aquino de Bragança: Cabral soube encontrar instrumentos de análise que permitiram a libertação de um povo

fê-los reentrar nessa cultura e muita coisa ainda está por fazer neste campo. É o que Samora está a fazer. A nossa luta em Moçambique é eminentemente cultural. Como dizia Cabral, como dizia Fanon, toda esta gente situa-se naquele horizonte cultural, embora cada um descubra a sua maneira de fazer a luta.

P. — Tendo o Professor Aquino de Bragança introduzido o ensino de Amílcar Cabral na Universidade Eduardo Mondlane, no Maputo, como explica que não tenha apresentado qualquer comunicação no simpósio?

R. — Em princípio eu não devia participar nesta reunião, estive doente, no hospital. Por isso não apresentei cá qualquer comunicação. É verdade que introduzi o ensino de Cabral na Universidade Eduardo Mondlane. Até o próprio filho do Presidente Aristides Pereira aprendeu Amílcar Cabral comigo...

P. — Al sim?

R. — Pois e aprendeu bem. Não só por mim, mas porque Cabral era um grande pedagogo. Então introduzi ao filho do Presidente Aristides Pereira a leitura de Cabral.

P. — O que lhe ficou da figura de Amílcar Cabral? Quais são os traços predominantes do Homem Amílcar Cabral?

R. — Sabe que eu vivi com Cabral. Além de ser do secretariado de uma organização, fiz imensas coisas na companhia de Cabral. Fizemos mil coisas, até tráfico de armas... Amílcar Cabral era um homem com um grande prazer de viver o por-menor das coisas, a vida ordinária. Era muito divertido e embora gostasse muito delas era muito correcto nas relações com mulheres. Nós éramos muito amigos. Nessa altura o dia-a-dia não era tão fácil como hoje se pensa. Era preciso sonhar. Deitar abaixo o império. E deitámos abaixo, hein.

P. — Sonhar é fundamental?

R. — Sonhar é preciso. Cabral nunca terá sido arquitecto da queda do império se não tivesse sonhado com ela.

5
2 N.
83